

ANALISE DO PAPEL DA MÍDIA COMO FOMENTADORA DE VIOLÊNCIA

ANALYSIS OF THE ROLE OF THE MEDIA AS A PROMOTER OF VIOLENCE

MOREIRA, Marco Antônio Mendes ¹
PANATIERI, Cristiane Bianco ²

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido ante uma revisão literária tendo por objetivo principal proporcionar análises sobre os efeitos midiáticos em relação à violência. A mídia vem se configurando como uma poderosa ferramenta sobre a formação de opiniões, saberes, valores e subjetividades das pessoas. Utilizando-se de manobras estratégicas, que, na maioria das vezes, não dialoga, mas unidireciona sua mensagem para o interlocutor, fazendo com que um grande contingente de pessoas aviste o mundo por suas lentes. Com o aumento da violência que atinge a sociedade em geral a maneira como o assunto é tratado nos meios de comunicação é um tanto embaraçoso, pois expõem a informação sobre a criminalidade como um show, muitos programas jornalísticos ou programas de auditório tratam a questão de maneira exagerada expondo um julgamento manipulado à quem assiste, criando sentimentos de medo, injustiça e vingança na sociedade, exemplo dessa manipulação são os linchamentos que se tornaram frequentes, vemos que a mídia tem gerado uma intolerância e ansiedade na sociedade, esses aspectos são extremamente negativos para sociedade e devem ser revisados pelas autoridades policiais já que tal liberdade de imprensa está agredindo e ferindo pessoas psicologicamente o tempo todo, transformando dor em produto de ibope. Portanto as informações criminais que chega até a mídia, destaquemos a Polícia Militar, especialmente, por agir de forma mais próxima da população, devido ao caráter preventivo, tem referências diárias na mídia, entretanto a Polícia Militar muitas vezes também é denegrada nos meios de comunicação outro aspecto negativo para a segurança e ordem da sociedade.

Palavras-chave: Sociedade. Mídia. Segurança. Violência. Polícia Militar.

ABSTRACT

This article was developed through a literary review with the main objective of analyzing the effects of the media in relation to violence. The media has been configured as a powerful tool on the formation of people's opinions, knowledge, norms, values and subjectivities. Using strategic maneuvers, the media most often do not dialogue, but rather unidirection their message to the interlocutor, causing a large contingent of people to see the world through

¹ Aluno do Curso de Formação de Praças do Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás – CAPM, marco_mm91@hotmail.com; Goiânia – GO, Junho de 2018.

² Professor Orientadora: Especialista, professora do Programa de Pós-graduação e Extensão do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás CAPM, panatieri@hotmail.com, Goiânia – GO, Junho de 2018.

their lenses. With the increase in violence that affects society in general, the way the subject is treated in the media is somewhat embarrassing, because it exposes information about crime as a show, many journalistic programs or auditorium programs treat the issue in a way exaggerated exposing a manipulated judgment to the one I attended, creating feelings of fear, injustice and revenge in society, examples of such manipulation are the lynchings that have become frequent, let's see that the media has generated an intolerance and anxiety in society, these aspects are extremely negative for the society and must be reviewed by the police authorities since this freedom of the press is attacking and hurting people psychologically all the time, making pain a product of ibope. Therefore, the criminal information that reaches the media, we highlight the Military Police, in particular, by acting more closely to the population, due to the preventive nature, has daily references in the media, however the Military Police is also often denigrated in the media. Communication to the security and order of society.

Keywords: Society. Media. Security. Violence. Military Police.

1 INTRODUÇÃO

Ao tratar sobre influência da mídia na percepção da violência, observa-se que de certo modo as pessoas são influenciadas pelos noticiários, o comportamento dos indivíduos e a sensação de segurança também é um fator modificado, o que produz atitudes nessas pessoas, tais como tomar medidas de segurança e mudanças na rotina (CRUZ, 2009).

Ante ao exposto este artigo tem por objetivo retratar um breve histórico da evolução da mídia, bem como seu poder de comunicação, podendo assim abordar de maneira crítica a criminalidade retratada na mídia, e sua contribuição para mais violência, observando assim a demasiada imposição em retratar a criminalidade e a vida das pessoas, sendo expostas fora do comum, como se fossem um show de audiência, desta maneira o artigo não poderia deixar de abordar a importância do trabalho policial frente à mídia.

Souza (2000) explica que os meios jornalísticos é o elo de conhecimento das realidades sociais, entretanto estes meios propõem determinadas interpretações para essas mesmas realidades. O que de fato nos aproxima da realidade de várias regiões, o que de certa maneira ficam incorporadas ao cotidiano das pessoas através das informações divulgado pela mídia.

Portanto diante da necessidade reflexiva sobre o poder da mídia no comportamento das pessoas se faz mister retratar a experiência da central de emergência do 190 da Polícia Militar retratada por Cruz (2009) o autor retrata que diante das reportagens apresentadas na mídia televisiva existe uma movimentação nas pessoas, ou seja, uma necessidade de denunciar um assunto que tenha sido matéria de pauta em algum jornal. Quando se divulga a

notícia em um determinado bairro da cidade, ou até mesmo retrato falado do suposto autor, motiva as pessoas a registrar denúncias no (190), relatando casos semelhantes ou até mesmo prestando informação sobre a localização do procurado daquele crime. O autor evidencia ainda que veiculação das notícias no jornal faça com que as pessoas tenham uma percepção diferente sobre o próprio cotidiano.

Portanto a problemática apontada neste artigo é a questão da mídia gerar mais crimes ao divulgar os crimes, com tanto evidencia dada ao crime por muito tempo durante a propagação jornalística, vemos em diversas pesquisas de diferentes autores que relatam muitos crimes motivados pela a divulgação de outros crimes, exemplo mais claro e recente deste tipo de violência são os atentados sem serie nas escolas do Estados Unidos, infelizmente existe uma percussão bastante negativa comparada com a positiva que é o cuidado das pessoas em relação ao que foi exposto no noticiário, entretanto a televisão é o meio de maior acesso a informação independente das classes sociais e nível de educação. O que refleti uma problemática ainda maior, onde jovens excluídos e marginalizados pelo crime, vêem nestes noticiários a oportunidade chamar a atenção da própria sociedade cometendo crimes bárbaros.

Este artigo contribui para o policial militar de maneira reflexiva dando a oportunidade de reconhecer como os meios de comunicação pode ser uma máquina para o bem, mas também para o mau. A mídia pode manipular grupos em massa, mas o trabalho policial não manipula a informação, ele apenas a passa para reconhecimento da sociedade, daí em diante a mídia monta um show com a dor e com crime.

Para tanto ao divulgar um crime deveria apenas ser em caráter informativo sem opiniões jornalísticas e sem cobertura exaustiva, sem show de determinados casos, as pessoas precisam ser informadas e não manipuladas, não martirizadas com certas informações que no final tem correspondido a novas atitudes desta mesma população informada, podemos citar a exemplo os linchamentos que a própria população tem reagido, é tamanha evidencia que acaba por gerar um sentimento dentro das pessoas de fazer justiça com as próprias mãos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DA MÍDIA

Mídia é a palavra utilizada para designar um determinado meio de comunicação, veículo de informação, esse termo ganhou maior destaque na década de 90, período que a informação passa a ser mais acessível principalmente como advento da internet.

Cruz (2009) explica que se entende por mídia os “meios de comunicação”, ou seja, aquela comunicação que é levada a um público numeroso e indistinto, sem levar em conta a individualidade de cada um dos participantes deste público. São exemplos mais conhecidos por mídia, a televisão, a internet, o rádio, o jornal, os outdoors, entre outros.

Ao longo dessas décadas, o conceito de comunicação foi se transmutando até chegar hoje, Santareno (2007) retrata - a como um conjunto de meios diferentes, cada vez mais apurados tecnologicamente, entretanto a mídia não pode ser tão-somente o aparato tecnológico, ela abrange a acessibilidade da informação associada ao suporte tecnológico e com a linguagem adequada e com a estratégia de ação clara alcançar seu objetivo que é informar.

Para termos uma noção cronologia da evolução da mídia Sampaio (1984) retratou em seis períodos e suas características principais, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 - Características cronológicas da evolução da mídia.

Fase	Período	Característica
1°	1896 – 1906	Transmissões de rádio de navios para estações de terra e pelos primeiros avanços da utilização comercial do novo meio.
2°	1907 – 1917	Avanços técnicos dos aparelhos e do surgimento dos primeiros regulamentos internacionais para a exploração do serviço.
3°	1918 – 1927	Implantação da radiodifusão no mundo e da diversificação dos serviços.
4°	1927	Conferência de Washington - definição de três bandas padrão (ondas curtas, medias e longas) e da regularização das comunicações navais e aeronáuticas por meio das ondas curtas.
5°	1928 – 1938	Maiores avanços técnicos e utilização crescente das ondas de rádio, agora como auxílio à navegação. Surgimento da frequência modulada (FM). Neste período começaram a ser regulados os limites de potência de transmissão (de 60 KW em 1929 para 150 KW em 1933) assim como da abolição das faixas de frequência em uso. No Brasil, em 1932, a radiodifusão foi regulamentada por meio do Decreto-Lei 21.111.

6º	1937 - 1947	Com o advento da Segunda Guerra Mundial as aplicações na área das telecomunicações se multiplicaram (radar, projéteis teleguiados, etc) e a plena utilização das ondas curtas. O Rádio começa a ser utilizado como instrumento de propaganda.
----	-------------	---

Fonte: Sampaio (1984).

Diante da evolução história da mídia os meios de comunicação deixaram de ser entendidos como canais e passaram a ser vistos como potenciais construtores de conhecimento, responsáveis pelo agendamento de temas públicos e formadores de compreensão sobre mundo e a política (GUAZINA, 2007).

2.1.1 O PODER DE COMUNICAÇÃO DA MÍDIA

A mídia é entendida como o complexo de meios de comunicação que envolve mensagem e recepção podendo ser de diversas formas tendo por característica central a manipulação dos elementos simbólicos, representando assim uma forma de poder diante das sociedades “de massa”, contribuindo significativamente em influenciar na formação das agendas públicas e governamentais; bem como intermediar relações sociais entre grupos distintos, influencia a opinião de inúmeras pessoas sobre temas específicos (COUTINHO, 1994 *apud* FONSECA, 2011).

Entretanto observa que esses papéis envolvem interesses maiores do que apenas informar, ocultando a imposição de opinião sob o lema do “dever da informação”, que deveria ser “neutra”, “independente”, “apartidária” e “a-ideológica”, características invariavelmente alegadas pelos órgãos da mídia ao retratar, porém não e assim vemos acontecer (CAPELATO, 1988 *apud* FONSECA, 2011).

O papel desempenhado pelo sistema da mídia é como um ator discursivo, retratando as definições da realidade. A interpretação que o ser humano faz da realidade é sempre mediada pela cultura. Desta maneira a produção de significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implicam em “definir a realidade”, assim essa dimensão de circulação de poder presente no ato de comunicação é evidenciada ao referir-se a “competência linguística” como uma instância de poder, o poder de “impor a recepção” (BRITTOS; GASTALDO, 2006).

Fonseca (2011) explica que a mídia, ao participar da esfera pública como “prestadora de serviços”, isto é, como entidades de “comunicação social”, teria uma função

imprescindível nas democracias: informar sobre os acontecimentos levando às pessoas uma gama de dados. Ainda trabalhando em prol da democracia os órgãos da mídia fariam a fiscalização do Estado, exercendo assim a forma mais bem-acabada de “controle social” em relação ao dinheiro público, às ações públicas, e as dificuldades da sociedade.

Silva (2009) em termos de poder de comunicação a mídia pode ser considerada o quarto poder, ou seja, o quarto maior segmento econômico do mundo, pois esta é a grande fonte de informação e entretenimento que a população possui. Portanto existe sim, o poder de manipulação da mídia, podendo atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria. Entretanto de maneira oculta a televisão, as novelas, jornais e internet transmiti um discurso ideológico, ditando modelos a serem seguidos e padronizando estilos de vida.

A mídia se destaca como instrumento social nos tempos atuais, ela tem uma dimensão capital e central nos diversos âmbitos da sociedade moderna, alcançando todos os níveis sociais. A política, o esporte, a escola, a economia, são atravessados e marcados pela influência dos meios de comunicação de massa. Com os avanços tecnológicos as informações veiculam de forma rápida e real, o domínio da mídia cresce de forma exacerbada, dentro de uma conjuntura de inovações tecnológicas que caminham em ritmo acelerado, tais avanços tecnológicos estão relacionados às necessidades da troca de informação, criando assim um ambiente propício para que os meios de comunicação se ampliassem e tomassem um lugar central e influente na sociedade. Temos acompanhado o surgimento de uma nova produção da subjetividade, na qual as experiências e relações são interligadas pela mídia (SILVA, 2009).

Brittos e Gastaldo (2006) explicam que o discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade. Esta modalidade discursiva abrange os “contratos enunciativos” e “contrato de autenticidade”, segundo o qual os eventos relatados devem ser “fíéis” à realidade (e, em caso de crônicas ou opiniões, devem ser “objetivas”) e um “contrato de seriedade”, uma espécie de “contrato moral” que liga o “sujeito informador” (o jornalista) a uma obrigação de transmissão das informações. A confiança no discurso jornalístico e seu poder de definição da realidade fazem com que à imprensa seja concedido o apelido de quarto poder, ao lado dos três poderes vinculados ao Estado (Executivo, Legislativo e Judiciário).

Para tanto os meios de comunicação deixaram de ser entendidos como canais e passaram a ser vistos como potenciais construtores de conhecimento, responsáveis pelo agendamento de temas públicos e formadores de compreensão sobre mundo e a política,

assim a mídia tem desempenhado um papel cada vez mais importante no debate público sobre esse tema, influenciando a opinião da sociedade e as políticas de Estado. Na apuração do caso Tim Lopes, nas respostas a rebeliões e casos de corrupção nos presídios, na investigação de denúncias de corrupção policial e, no processo de mobilização e votação no Congresso do Estatuto do Desarmamento, a mídia foi decisiva na qualidade e rapidez das respostas do governo e da sociedade explicam os autores (FONSECA, 2011; RAMOS; PAIVA, 2005).

Entretanto vale salientar que a mídia parece perder, dia a dia, a superioridade no tocante à formação da opinião pública, principalmente a informação trazida pela televisão, assim com a acentuada crise de confiabilidade da chamada “grande imprensa” associada a uma questão central, como as novas modalidades digitais de comunicação, das quais surge um novo “destinatário” uma consciência entre o consumidor de informações (SANTARENO, 2007).

2.2 A CRIMINALIDADE RETRATADA NA MÍDIA UMA VISÃO CRÍTICA

Portanto ao retratarmos o poder da mídia é clara uma questão bastante relevante, independente da fonte que em qualquer situação de persuasão, seja ela a mídia ou outro indivíduo em uma relação pessoal, sempre tenta persuadir alguém a adotar determinada posição, por traz de toda informação haverá a interpretação de alguém que por algum motivo tem interesse em impor sua visão diante da problemática (LANE; SEARS, 1964).

A divulgar da criminalidade parece ser um prêmio a ser retrato, a mídia mostra se preocupar com pormenores das situações, tornando a violência um grande e minucioso assunto. A informação jornalística já não basta, passando ter foco em mostrar o crime, podendo ser comparável ao que ocorre nas novelas, no sentido de levar ao extremo os acontecimentos para envolver os indivíduos. Diante disso é relevante destacar o caso da menina brasileira Isabela Nardoni, defenestrada do sexto andar de um edifício residencial de São Paulo no ano de 2008. Este caso foi exaustivamente explorado pela imprensa, o que gerou uma espécie de notícia seriada, o caso era exposto durante grande parte do dia, com imagens e interpretações excessivamente repetidas e exploradas, levando à conclusão de que, para ganhar a audiência, tudo se justificava: a transformação de heróis em anti-heróis e de vítimas em agressores e novamente em vítimas (CARVAHO, FREIRE, VILAR, 2012).

As coberturas jornalísticas relacionadas à violência, seja pelo veículo impresso ou eletrônico, em geral observa uma deficiência na qualificação dos repórteres envolvidos ao exercer a profissão, o jornalista reproduz a velha prática de tratar o fenômeno a partir do fato

violento em si, desconsiderando as causas e o contexto. O quadro tende a ser mais problemático nas redações que mantêm a figura do repórter policial ou nas chamadas editoriais de polícia. Normalmente, esses profissionais dependem muito de fontes policiais, já que consideram central para seu trabalho (UNICEF, 2017).

Carvalho, Freire e Vilar (2012) nos remetem a seguinte reflexão crítica, agressores e criminosos são tratados como celebridades nas capas das revistas, como é o caso do traficante Fernandinho, várias vezes entrevistado em revistas eletrônicas e estampado nas capas de importantes revistas no Brasil por seus feitos "magníficos". Nesse tipo de discurso, os criminosos são apresentados como pessoas de hábitos comuns ou de hábitos exóticos, conforme o que render mais audiência, mostrando uma normalidade exagerado quando ao crime organizado. Fazem entrevistas até mesmo em sala de visitas dos agressores, a exemplo do mesmo casal Nardoni, onde os acusados concederam entrevista a uma única rede de televisão, sob a condição de que as perguntas fossem formuladas previamente, fica aqui uma incógnita sobre a veracidade da informação.

Já em outro caso, uma apresentadora de TV conduziu, ao vivo, por telefone, uma entrevista com o sequestrador de uma adolescente de 15 anos, Eloá Cristina Pimentel, no momento em que a polícia tentava negociar com o criminoso. Em suas falas, a apresentadora manifestava orgulho por entrevistar o sequestrador, ignorando que o feito atrapalhava o trabalho da polícia, mostrando importância ao fato e não a vítima. A adolescente veio a falecer em 18 de outubro de 2008, vítima de morte cerebral causada por tiro na cabeça que partiu do agressor, Lindemberg Fernandes Alves, a quem a apresentadora considerava que "não é bandido, é um trabalhador". A entrevista ocupou blocos inteiros da programação (CARVALHO, FREIRE, VILAR, 2012).

A reflexão aqui apresentada aborda a questão de como a mídia enxerga a violência e como tem apresentado enfatizando quais valores e por qual motivo, assim percebi que o noticiário ao retratar a criminalidade precisa ter uma visão mais humana mais afetiva já que os mesmos discorrem sobre a vida das pessoas e de suas dificuldades sociais. A mídia pode ser um poderoso influenciador mediante ausência do conhecimento real de qualquer assunto exposto, impondo como verdade a versão apresentada, tal realidade mostra um descaso dos meios de comunicação com a dignidade humana, dando mais importância à audiência que o crime proporciona em um clima informal, a violência é apresentada como um elemento comum ou banal, e entre o horror, o escândalo, a raiva e o medo.

2.3 MÍDIA E VIOLÊNCIA: SUA CONTRIBUIÇÃO PARA MAIS VIOLÊNCIA

A Constituição Federal deixa assegurado no art. 5º, inc. XVI: “É assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional”. Assim é necessário observar o alcance disso tudo sobre o receptor. Estudos levam à conclusão de que existe uma relação entre a maneira como a mídia noticia um fato e o modo como é recebido e usado pelo público (leitor/telespectador), explica Mello e Toigo (2004).

Costa (2000) analisa como o espetáculo da mídia pode influenciar o comportamento dos jovens, a autora retrata da maneira como a violência se revela ou aparece nos noticiários, a violência “assume uma forma lúdica e espetacular”, despertando em alguns jovens a vontade ser notado de alguma forma e para isso, em muitos casos, “a prática da violência pelos jovens potencializa e abre caminho negativos para que eles também possam fazer parte do espetáculo da mídia e ser notados pela sociedade.

Ao analisar a colocação da autora percebe que a mídia ao noticiar os crimes, faz uma alusão de fama diante das atitudes do criminoso, podendo gerar ou despertar sentimentos em um público ainda em formação que são os jovens.

As manchetes sensacionalistas têm por objetivo atrair a atenção do leitor e despertar sua curiosidade para aumentar as vendas dos comerciais que mantém de forma econômica e direta a mídia. Mas além desse objetivo comercial a manchete sensacionalista pretende mobilizar a opinião pública também para determinadas atitudes ou pontos de vista, o que nos leva a pensar novamente sobre a questão do permanente e diário noticiário sobre violência e crimes estarem construindo um cidadão acostumado a um grau de violência, o qual, muitas vezes, poderia não ser tão alarmante sobre a criminalidade (RABAÇA; BARBOSA, 2001).

Observamos que o poder da mídia é imperioso, pois é através da visão apresentada pelos veículos de comunicação que boa parte de toda a população mundial tira suas conclusões e resultando nas atitudes por diversos grupos culturais. Assim a informação deve ser apenas em caráter informativo e neutro em relação a quem a retrata, pois quando se exprimi uma conclusão de determinada ideia ou assunto do momento pode-se influenciar aqueles que ainda não puderam tirar suas próprias opiniões a respeito da informação exposta.

A cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer "ainda bem que não aconteceu comigo". Não importa mais a informação, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos (CARVALHO, FREIRE, VILAR, 2012 p.08).

O alcance da mídia chega aos mais diversos grupos sociais, desde os mais enriquecidos aos mais empobrecidos, contudo com um viés unilateral, o que deixa a população inerte, inapta a refletir, interrogar e até mesmo criticar as informações que recebem. A mídia torna os seres humanos seus reféns, reconstruindo e modelando suas subjetividades se explica (SILVA, 2009).

Unicef (2007) retrata uma pesquisa realizada com 33 adolescentes do município de São Gonçalo (RJ), os jovens foram ouvidos em estudo qualitativo no ano de 2003, revelou que, quando a mídia noticia crimes cometidos por jovens suspeitos de envolvimento com drogas, o tratamento também é diferenciado de acordo com a classe social. O noticiário faz uma alusão que quando o jovem é da classe alta seu crime foi por intermédio de transtornos e anseios psicológicos, quando aos jovens pobres justificam que é a cobiça pelo dinheiro e pelos bens materiais, tais discursos muitas vezes ficam oculto e muitas vezes retratado de maneira sublimar.

Vale ainda salientar outra pesquisa realizada com jovens, escolas públicas e particulares de três municípios brasileiros – Iguatu (CE), Juiz de Fora (MG) e Campinas (SP) em 2000 e 2002. A conclusão é do estudo das pesquisadoras Kathie Njaine e Maria Cecília Minayo é que “a violência muitas vezes é interpretada pelo adolescente como uma forma de comunicação no âmbito da escola, da família, do convívio com os pares e na inter-relação com a televisão. Essas interações dinamizam os sentidos sobre o fenômeno da violência que são incorporados segundo o contexto de cada cultura local, comunidade, família, escola, faixa etária e relações de gênero” (UNICEF, 2017).

As pesquisadoras reforçam que nessa dinâmica, há uma interação constante com a mídia sobre os instrumentos e as formas de violência no cotidiano, principalmente quando existe uma onda de notícias sobre violência nas escolas norte-americanas, mostrando jovens atirando contra colegas e professores e exibindo armas potentes como sinônimos de poder. Dos muitos jovens entrevistados na pesquisa em 2000 afirmaram que os casos de violência com armas de fogo nas escolas eram copiados dos casos ocorridos nos Estados Unidos (UNICEF, 2017).

Entretanto vale aqui salientar que em 2002 foi lançada a campanha Quem Financia a Baixaria é contra a Cidadania, com objetivo promover o respeito aos direitos humanos e à dignidade do cidadão nos programas de televisão (SOUZA, 2010).

2.4 A MÍDIA E POLÍCIA

A violência, a criminalidade e a questão da segurança pública ganham mais destaque na imprensa e na vida social através das mídias, as ações policiais também receberam mais notoriedade, devido sua relação direta com a criminalidade, sendo louváveis em algumas atitudes ou recrimináveis, diariamente os veículos de comunicação fazem referência à polícia, seja para reportar o crime que ocorreu ou para mostrar sua conduta seja ela errada ou certa. A polícia é uma importante fonte de informação, as corporações policiais têm papel fundamental na divulgação de fatos que envolvam o crime ou a segurança pública (TRISTÃO; SANGLARD E NUNES, 2010).

Portanto a visão que os meios de comunicação e principalmente os noticiários jornalísticos são responsáveis por apresentar a violência de maneira sensacional e não como uma tristeza, uma perda, como ausência de amor, mas parecem estar alimentando uma sede de justiça e vingança no interior individual das pessoas que compõem a grande massa da sociedade, por fim produzindo pensamentos e atitudes.

Porto (2009) em sua pesquisa expõe sua opinião retratando que existem as várias facetas pelo noticiário, uma das que mais chama a atenção diz respeito à violência policial, midiaticamente apresentada a partir de narrativas, acontecimentos e versões submetidos a uma seleção que produz alguns destes como notícia, ao mesmo tempo em que mantém outros no esquecimento. Se, de um lado, os policiais podem ser apontados como fonte de condutas violentas, transgressoras e violentadoras dos direitos humanos, de outro são, seguidas vezes, demandados e cobrados para agir com mais eficiência, inclusive com utilização de violência.

A mídia faz um jogo sujo colocando muitas vezes o policial como agente de criminalidade diante da violência exercida por bandidos.

3 METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa é fundamentada por meio de estudos já preestabelecidos por outros autores que descrevem sobre o tema abordado. Esse tipo de análise visa intensamente à compreensão dos aspectos teóricos que transpõem o contexto investigado, bem como os aspectos representados pela própria mídia.

Segundo Gil (2009, p.71), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica ela reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Assim realizamos essa pesquisa com materiais elaborados com teorias já existentes em livros, revistas, artigos. O material citado pode ser encontrado em bibliotecas, universidades e também através do meio virtual, o tema que abordamos é instigante e merece mais pesquisas para fomentar a crítica sobre a imposição da mídia e seus interesses.

A pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador, informações consistentes quanto ao assunto analisado estabelecendo excelentes condições para que o mesmo construa uma pesquisa eficaz dos dados recolhidos, podendo desenvolver uma conclusão crítica reflexiva acerca do tema.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

De acordo com os aspectos expostos sobre os efeitos da mídia, neste momento do artigo é interessante proporcionar uma reflexão mais profunda a respeito da responsabilidade que a mídia tem em promover instintos de violência dentro da sociedade.

No site GNN Jornal para Todos os Brasis, Nassif (2014) retrata essa questão ao expor que a televisão e em especial os telejornais estão sendo eficientes para o acultramento das pessoas, prestando um desserviço para a sociedade brasileira, esses meios de comunicação tem se tornado um eficiente meio de desagregação moral, não pelo fato de mostrar cenas relacionada a criminalidade, mas porque mostra que os problemas da vida são resolvidos com armas, instiga e assinala para a sociedade que a única resposta possível para ao crime é a prisão, desse ponto de parte surge a questão crime-prisão é visto como a alternativa ideal para o crime, sem processo, sem julgamento, a mídia julga o culpado e faz questão de ir além da lei ditando e excitando para penas cruéis, perpétuas, exposto o suposto culpado à execração pública, antes mesmo de estar sendo investigado.

Portanto vejamos aqui a indignação do autor perante as atitudes sensacionalista dos telejornais, ora, pois a informação deve ser levada, entretanto deve ser respeitado o direito constitucional das pessoas de ter seu julgamento de acordo com a leis vigentes, nossa Constituição/88 prevê no Art 5º LVII “que ninguém será culpado até o transito em julgado de sentença penal condenatória”, portanto a informação reportada nos telejornais deve ser

revisada por todos, ao informar sobre a criminalidade deve se apontar as medidas que estão em falhas dentro do governo que estão resultado no crescimento da criminalidade.

Porém observa que, toda a pratica da mídia em informar está em nome da liberdade de imprensa, questão essa que está sendo confundida com irresponsabilidade social (NASSIF, 2014).

Diante essa discussão Minayo e Souza (1993) explica que a notícia assume a forma e a importância que lhe é dada pela sociedade e, portanto, quando se notícia sobre a violência, o grupo social mais vitimizado é aquele socialmente excluído, desprovido de posses e revestido pela pobreza, como ser jovem, negro, e morar em morro ou periferia da cidade.

O autor expôs uma questão complexa, pois em vias de fato a problemática desses grupos desfavorecido fica evidenciado o crime e não as causas para o crime, questão essa que afronta as ações das autoridades políticas, assim podemos fazer a seguinte reflexão quando a atitude da mídia ao solicitar mais segurança não questiona, não retrata e nem aponta as questões que resultaram na criminalidade, apenas destaca a violência e a evidencia sem solução gerando um sentimento de vingança e justiça nas pessoas, resultando na atitude da sociedade em querer fazer justiça com as próprias mãos, conforme os próprios telejornais retratam linchamentos por parte de um determinado grupo.

Com a mídia distorcendo, conscientemente ou não, a realidade quanto à segurança de nossa sociedade, seria justo afirmar a necessidade de um repensar nos conceitos de informação e nos direitos a ela. Para se ter uma ideia, a mídia não só amplia o medo comum, como também desvia muitas vezes os olhares do seu próprio centro de origem, o que causa uma verdadeira distorção entre as causas e seus efeitos (JUNIOR, p.11, 2010.).

Portanto ante a colocação do autor acima é necessário frear a maneira como as notícias estão sendo repassado, assim como tudo tem regras, normas, métodos e técnicas o direito de liberdade da imprensa deve ser revisado, ou seja, apresentar de fato a notícias sem sensacionalista mediante as barbaridades, mas reportar a importância do Estado em punir com qualidade, trazendo para a sociedade a verdadeira questão da criminalidade e o descaso das autoridades mediante essas medidas, ao invés reportar a dor e a vida das pessoas como produto de ibope. Podendo fazer um papel muito mais social cobrando medidas punitivas e agilidade nos processos.

O autor ainda explica que o sensacionalismo midiático continua nos programas de auditório quando acontecem casos bárbaros, parecem disputar a barbaridade, fazem cobertura ao vivo, realizam entrevistas com o próprio criminoso, se for um caso muito bárbaro continua o massacre midiático por até um mês, evidenciando a dor e o crime, expondo as

pessoas que fazem parte do caso o tempo inteiro, a fim de denegrir, o que acaba por provocar mais revolta social, pois nessa revolta está a possibilidade de liderança nos índices de audiência (JUNIOR, 2010).

Sganzerlla (2016) fala que essa falta de sensibilidade frente a tanta violência surge do costume de ficar exposto de forma repetida e prolongada em frente de cenas violentas, que podem gerar além da naturalização de atos violentos, ou seja, o costume com os mesmos, a “síndrome do mundo mau” que ocorre quando há uma exposição intensa à televisão que acaba moldando a visão que um indivíduo tem do “mundo real” de modo que ele pareça mais perigoso, violento assustador do que na verdade é.

Portanto ao refletir sobre a influência da mídia sobre a violência e como esta pode verdadeiramente fomentar a violência aqui podemos destacar o caso da Dona Fabiane Maria de Jesus no ano de 2014, ela foi erroneamente confundida com uma mulher que estaria raptando crianças para usar em rituais de magia negra, depois que um retrato falado foi publicado na internet, ela foi encurralada pelos moradores do bairro onde morava no Guarujá, litoral do Estado de São Paulo, ela foi espancada até a morte, com todas as agressões sendo filmadas pelos participantes (SEPULVEDA, 2018).

No caso de Fabiana podemos observar o poder que a mídia tem sobre as pessoas, seja ela, televisivos ou na internet, tais meios de comunicação têm o mérito de manobrar os sentimentos dos indivíduos institucionalizando a saliência do crime no cotidiano e acentuando a percepção do medo. A imprensa tem a capacidade de mobilizar a coletividade, contribuindo para a elaboração de sentidos sobre o crime e também sobre a dimensão de sua gravidade. Em virtude disso, colabora com a construção da opinião pública e com a promoção de um estado de intolerância e de ansiedade coletiva (BATISTA, 2003).

Ante a tudo que retratamos nessa discussão é interessante pautar aqui sobre a importância de mais profissionalização por parte dos profissionais jornalistas em reportar o noticiário de maneira sensível e não sensacionalista. Ao identificar e sentir os efeitos dramáticos que essa manipulação pode levar a morte de pessoas, devem rever os conceitos de liberdade de imprensa, visto que essa liberdade ao gerar morte de pessoas inocentes, deve ser repensada e reestruturada mediante leis em defesa do cidadão e ao excesso de exposição dos casos bárbaros como produto de ibope.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O padrão de qualidade do que é exibido nas telas desceu a níveis abaixo do tolerável, de acordo com que expusemos neste artigo, observa uma busca frenética por índices de audiência, sem importar com os efeitos, essas exposições exageradas vêm tomando proporções nunca vistas, despertando indignação e descontentamento. Podemos ainda destacar que dentro do jornalismo televisivo que se assiste existiu uma gama de exibicionismo de mau gosto desde pegadinhas a erotismo acompanhado de linguajar inconveniente, cenas insinuantes de sexo, catastrofismo banalizado com repetição enfim, há uma verdadeira poluição midiática dos meios de comunicação eletrônica de massa e principalmente dos telejornais que é o meio que mais apresenta a realidade, se mostra cada vez mais insensível perante a dor e ao direito das pessoas de ser julgadas mediante a lei, pois a mídia tem colocado sentimento nas pessoas sobre justiça fazendo o papel de “Juiz” ao influenciar determinada sociedade ou grupo a agir com as próprias mãos.

Portanto a mídia precisa ser mais consciente em suas coberturas sensacionalistas, já que com as redes sociais, qualquer pessoa pode repassar informações de forma errônea e sem o devido discernimento. Podemos concluir a ausência de uma ética prática dentro dos telejornais que muitas vezes passa informação deliberadamente e excessivamente sem analisar seus efeitos.

Assim ao concluir esse artigo é interessante retratar que a tarefa do policial militar mediante a mídia é apenas informativa quanto aos acontecimentos, é a mídia que faz todo o resto, inclusive dependendo da informação, a mídia faz uma inversão de valores até mesmo contra a própria polícia militar, aspecto negativo, perante a desvalorização do atual momento da instituição polícia militar, assim além de fomentar a violência dentro da sociedade, denigre a imagem de policiais ao retratar o policial como aquele que matou o “coitadinho” da “Dona Maria” que estava cometendo crime contra a sociedade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BRITTOS, Valério C; GASTALDO, Édison. Mídia, poder e controle social. **Alceu** - v.7 - n.13 - p. 121 a 133 - jul./dez. 2006. Disponível em:< http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Brittos%20e%20Gastaldo.pdf > acesso 10 de março de 2018.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARVALHO, Denise W; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. Artigo. **SciELO - Scientific Electronic Library Online**, 2012. Disponível em:< <https://www.scielo.org/article/rpsp/2012.v31n5/435-438/pt/> > acesso 10 de março de 2018.

CRUZ, Tércia Maria Ferreira da. **A influência da mídia na percepção da violência: as comunicações e denúncias à Central de Emergência 190**. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em:< <http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/06/Tercia-M.-F.-da-Cruz.pdf> > acesso 15 de março de 2018.

FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, pp. 41-69. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a03.pdf> > acesso 09 de março de 2018.

GUAZINA, Liziane. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 49-64, jul.-dez. 2007. Disponível em:< <http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/2469/1287> > acesso 15 de março de 2018.

JÚNIOR, Jayme Gonçalves. **Mídia e violência: a imprensa sensacionalista atuando como amplificadora do medo**. Monografia, Universidade Federal do Paraná- UFPR. Curitiba 2010. Disponível em:<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/33140/JAYME%20GONCALVES%20JUNIOR.pdf?sequence=1> > acesso 15 de março 2018

MINAYO, Maria Cecília de S.; SOUZA, Edinilsa R. de. Violência para Todos. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (1): 65-78, jan/mar, 1993. Disponível em:<<http://cmdss2011.org/site/wp-content/uploads/2011/09/Viol%C3%Aancia-para-todos.pdf>> acesso 14 de março de 2018.

MELLO, Milena Deganuti; TOIGO, Marceu Dornelles. A imagem do crime e da violência através da imprensa na cidade de Marília – SP. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 3, 2004. Disponível em:<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/98/99> > acesso 08 de março de 2018.

NASSIF, Luis. A influência da TV aberta na violência difusa. Artigo. **GNN, O Jornal de todos os Brasis**. 2014. Disponível em:< <https://jornalggn.com.br/noticia/a-influencia-da-tv-aberta-na-violencia-difusa?page=1>> acesso 14 de março de 2018.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 21, n. 2, 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ts/v21n2/v21n2a10.pdf>> acesso 05 de março de 2018.

RAMOS, Silva; PAIVA, Anabela. Mídia e violência – como os jornais retratam a violência e a segurança pública no Brasil. **Centro de estudos de segurança e cidadania**. ano 04 / nº 10 - dezembro de 2005. Disponível em:< <https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2016/03/boletim10.pdf>> acesso 10 de março de 2018.

SAMPAIO, Mario F. História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo. EDIÇÃO. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1984.

SGANZERLLA, Evelin Sibeles Ramalho. Luz, Câmera, Violação. **Congresso internacional da faculdades est**, 3., 2016, São Leopoldo. Disponível em:<<file:///C:/Users/i5%20gamer/Downloads/786-2539-1-PB.pdf>> acesso 15 de março de 2018.

SEPULVEDA, Denise Vilche. **A banalidade do mal: o excesso de violência na mídia**. Artigo. 10º interprogramas de mestrado Faculdade Casper Libero. 2018. Disponível em:< <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Denise-Vilche-Sepulveda-FCL.pdf>> acesso 15 de março de 2018.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade, In: Abrapso, XV, 2009, Maceió, Faculdade Integrada Tiradentes – FITs. **Anais**, Maceio: FITs. Disponível em:< http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20da%20m%C3%ADdia.pdf> acesso 28 de fevereiro 2018.

SOUSA, J. P. As notícias e os seus efeitos. Coimbra: Minerva, 2000. 221 p.

SOUZA, Liliane Ingrid de. **Mídia E Violência: um estudo da atuação policial no Caso Eloá**. Monografia, Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública/CRISP. Belo Horizonte 2010. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9BDGL3/mono.pdf?sequence=1>> acesso 05 de março de 2018.

TRISTÃO, Marise Baesso; SANGLARD, Fernanda Nalon; NUNES, Janaína de Oliveira. A interferência da cobertura jornalística na sensação de segurança e a construção identitária da

Polícia Militar de JF: uma análise dos efeitos da criminalidade no município. **CES Revista**, v. 24, Juiz de Fora, 2010. Disponível em:<https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/05_COMUNICACAO_interferencia_acoberturaPM.pdf> acesso 15 de março de 2018.

UNICEF. **Nossa dor é comemorada como indicador de eficiência policial**. Cap. 04, 2017. Disponível em:< https://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf> acesso 15 de março de 2018.